

PAISAGEM, RIOS E COMUNIDADES: CAMINHOS DO RIO CARVÃO E RIO MAIOR, URUSSANGA, SANTA CATARINA

Nilzo Ivo Ladwig
Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Geografia, Florianópolis, SC, Brasil
ladwignilzo11@gmail.com

Gilberto Tonetto
Instituto Federal de Santa Catarina - campus Criciúma, Criciúma, SC, Brasil
gilberto.tonetto@ifsc.edu.br

RESUMO

O estudo teve como objetivo analisar as paisagens das comunidades localizadas nas bacias hidrográficas dos rios Carvão e Maior sob uma perspectiva histórico-cultural. Essas comunidades compartilham uma base histórica comum, que teve início no final do século XIX com a colonização italiana, deixando marcas distintas na paisagem. Com o desenvolvimento das atividades econômicas surgiu um novo elemento na vida e no ambiente local: a mineração de carvão, que impactou significativamente ambas as bacias. Enquanto a bacia do rio Carvão teve parte de suas terras exploradas pela extração do carvão mineral, a bacia do rio Maior não foi afetada por essa atividade. Essa mudança sociocultural resultou em uma ruptura na paisagem, deixando forte rastro de degradação ambiental. A recuperação das áreas com passivos ambientais é uma preocupação compartilhada pelos moradores das duas bacias hidrográficas. Em relação aos elementos que preservam a memória das paisagens, a pesquisa identificou testemunhos materiais e imateriais que devem ser considerados como patrimônio a ser preservado. Construções ainda conservadas, outras abandonadas, celebrações religiosas e histórias transmitidas de geração em geração compõem e caracterizam a paisagem das comunidades estudadas.

Palavras-chave: Patrimônio. Hidrografia. Colonização. Carvão mineral.

LANDSCAPE, RIVERS AND COMMUNITIES: PATHS OF THE CARVÃO AND MAIOR RIVERS, URUSSANGA, STATE OF SANTA CATARINA

ABSTRACT

The study aimed to analyze the landscapes of communities located in the Carvão and Maior river basins from a historical-cultural perspective. These communities share a common historical foundation, beginning in the late 19th century with Italian colonization, which left distinct marks on the landscape. With the development of economic activities, a new element emerged in the local life and environment: coal mining, which significantly impacted both basins. While part of the lands in the Carvão river basin were exploited for mineral coal extraction, the Maior river basin was not affected by this activity. This sociocultural change resulted in a rupture in the landscape, leaving a strong trace of environmental degradation. The recovery of areas with environmental liabilities is a shared concern among the residents of both river basins. Regarding elements that preserve the memory of the landscapes, the research identified material and immaterial testimonies that should be considered as heritage to be preserved. Preserved buildings, others abandoned, religious celebrations, and stories passed down through generations make up and characterize the landscape of the communities studied.

Keywords: Patrimony. Hydrography. Colonization. Mineral coal.

INTRODUÇÃO

Paisagens são compostas por elementos materiais e imateriais, que expressam cultura e recebem subjetividade; os rios são um desses elementos que assumem destaque por carregar consigo as marcas da história de ocupação e uso das sociedades humanas. O rio é água, e "na água podemos ver toda a natureza refletida" (WORSTER, 2008, p.29). Os rios são registros vivos e fiéis do que ocorreu ao seu redor, inspirando poesia, música, arte e cultura. Sua importância vai além de seus usos; reside também na

memória das pessoas e dos lugares. Os rios carregam múltiplos significados, sendo um elemento essencial para a compreensão das paisagens.

As paisagens são constituídas por elementos tangíveis e intangíveis, expressando cultura e recebendo subjetividade; os rios destacam-se nesse contexto por carregarem as marcas da história da ocupação e do uso pelas sociedades humanas.

No município de Urussanga, no sul de Santa Catarina, os rios Carvão e Maior se encontram para formar o rio Urussanga. O município possui forte ligação histórica com os rios, muitas comunidades recebem o nome de rios, assim como o seu próprio nome, memória que perpassa a chegada dos primeiros imigrantes. O povo indígena Xokleng, último a ocupar o território do município, fazia uso dos rios para diversas finalidades, como para sua ocupação, sustento e rituais. Mas, é a partir do ano de 1878 que ocorre a ruptura da paisagem com a demarcação de terras para ocupação da então colônia de Urussanga (MARQUES, 1978).

Durante grande parte do século XX, em Urussanga e em toda a região, duas características distintas moldaram as paisagens no contexto do desenvolvimento das atividades humanas. Por um lado, as comunidades coloniais de imigrantes desenvolveram atividades ligadas à cultura da terra, criando uma paisagem rural marcante. Por outro lado, desenvolveram-se atividades relacionadas ao carvão (CAROLA, 2004).

Esses dois "lados" estão expressos nas paisagens das comunidades localizadas nas bacias do rio Carvão e Maior. No rio Maior estão edificações tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN) e Fundação Catarinense de Cultura (FCC) como patrimônio histórico da imigração italiana e uma Área de Proteção Ambiental (APA), com destaque para a água do rio de boa qualidade, usada para abastecimento humano. Já no rio Carvão, o que marca a paisagem são passivos ambientais deixados pelas atividades do carvão, sobretudo na água do rio e em áreas denominadas de "paisagem lunar". Estas características acompanham toda a bacia do rio Urussanga e marcam as paisagens também de outros municípios e comunidades inseridas em parte da região Sul de Santa Catarina (BACK et al., 2019).

Em face deste cenário, reconhece-se que os rios se apresentam como elemento fundamental da configuração das paisagens, possuem forte ligação com os lugares, com as pessoas, estão estreitamente vinculados à história e aos modos de vida. Desse modo, o rio se torna o fio condutor e testemunha que absorve em suas águas o que se passou nesses espaços, torna-se elemento catalisador que compõe e marca a paisagem. Nesse sentido, utilizou-se a delimitação da área de estudo pela bacia hidrográfica, em primeira ordem por observar que as questões históricas de ocupação coincidem praticamente com o recorte da bacia hidrográfica e pelo embasamento contido em Schussel e Neto (2015), Machado (2013), Saraiva (1999) e ainda no amparo da lei nº 9.433/97.

Portanto, pensando no desenvolvimento histórico das atividades humanas e na importância dos rios foi definido o objetivo da pesquisa que consiste em analisar as paisagens numa perspectiva histórico-cultural nas comunidades inseridas nas bacias hidrográficas dos rios Carvão e Maior. Portanto, para atingir o objetivo será apresentado o percurso exploratório pelas duas bacias, cujo objetivo é analisar elementos na paisagem que identifiquem/caracterizem, por meio de registros/símbolos/memórias, essas comunidades.

MATERIAIS E MÉTODOS

Área de estudo

A pesquisa foi desenvolvida nas comunidades inseridas nas bacias hidrográficas dos rios Carvão e Maior, município de Urussanga, sul do estado de Santa Catarina, (conforme Figura 1).

A população total residente em ambas as bacias, somando as comunidades inseridas total ou parcialmente, é de 4.328 habitantes (URUSSANGA, 2020). Já a população do município de Urussanga foi estimada em 21.344 habitantes (IBGE, 2020).

Na bacia hidrográfica do rio Carvão, as comunidades de Rio Carvão, Rio Carvão Baixo e Rio Carvão Alto estão totalmente inseridas na bacia, sendo que o curso principal do rio Carvão corta estas comunidades. Historicamente, essas três comunidades eram uma só denominadas de rio Carvão, com o passar do tempo e o aumento da população foram divididas. A comunidade do bairro Nova Itália é margeada pelo rio Carvão, onde está a grande parte das residências, e pelo rio Maior. Ainda estão inseridas parcialmente, considerando os divisores d'água, as comunidades de Santaninha, Santana, Coxia Rica, rio América e

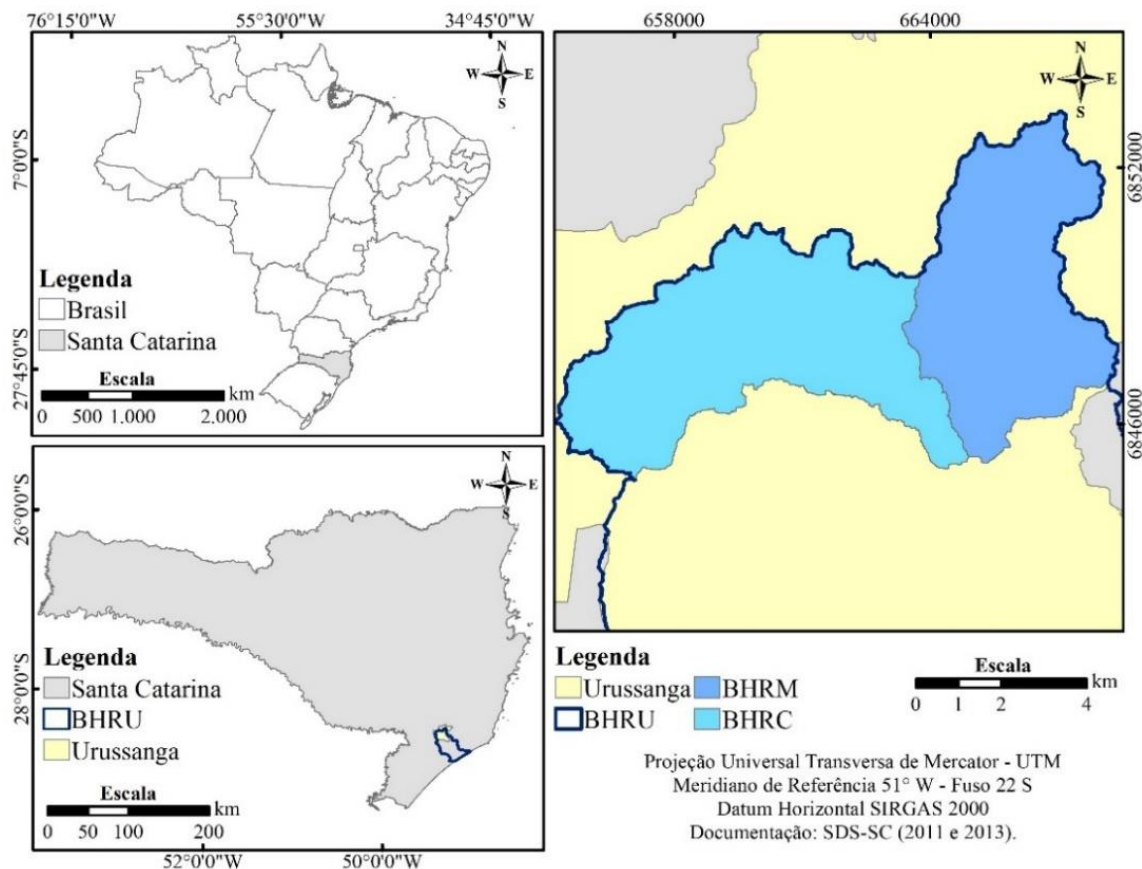
Belvedere, (SORATO, 2019), as quais possuem poucos habitantes dentro da bacia. Entre essas é em Belvedere que se localiza a nascente do rio Carvão, sendo também a nascente mais distante da foz do rio Urussanga.

Na bacia hidrográfica do rio Maior estão inseridas totalmente e cortadas pelo rio Maior as comunidades de Linha Rio Maior, Rio Maior e São João do Rio Maior e parcialmente Rancho do Bugres, São Valetim, Barro Preto, estas com poucos moradores na área da bacia. Na bacia existe a Área de Proteção Ambiental do Rio Maior (APA), instituída pela lei número 1665, de 1998, criada com objetivo de garantir a conservação da vegetação e dos recursos hídricos, bem como preservar o patrimônio cultural e arquitetural do meio rural, proteger espécies ameaçadas de extinção, também busca fomentar as atividades econômicas locais como o turismo ecológico, a educação ambiental e a pesquisa científica e melhorar a qualidade de vida da população residente (URUSSANGA, 2020).

A bacia do rio Carvão ocupa 30 km² e a do rio Maior 24 km² (BACK et al., 2019; SUTIL, 2018). Da confluência dos rios Carvão e Maior (conforme Figura 2) nasce o rio Urussanga que dá nome também a toda a bacia hidrográfica do rio Urussanga e que possui sua foz no oceano Atlântico. Ambas as bacias estão localizadas no alto vale da bacia do rio Urussanga (ADAMI; CUNHA, 2014) e contêm rios de até quarta ordem. O ponto mais elevado na bacia do rio Carvão é de 600 m e na do rio Maior registra 400 m (BACK et al., 2019).

A unidade geomorfológica está localizada nos Patamares da Serra Geral, Depressão da Zona Carbonífera Catarinense e Serras do Leste Catarinense (ADAMI, CUNHA, 2014). Encontram-se as unidades litoestratigráficas da formação Serra Geral, Irati, Palermo, Rio Bonito, Rio do Sul e Suíte Intrusiva Pedras Grandes e os solos encontrados são Argissolos e Cambissolos (ADAMI, CUNHA, 2014).

Figura 1 - Mapa de localização da bacia dos rios Carvão e Maior, Urussanga, SC



Fonte: IBGE, 2015. Elaboração: autores, 2021.

Figura 2 - Confluência dos rios Carvão e Maior, Urussanga, SC



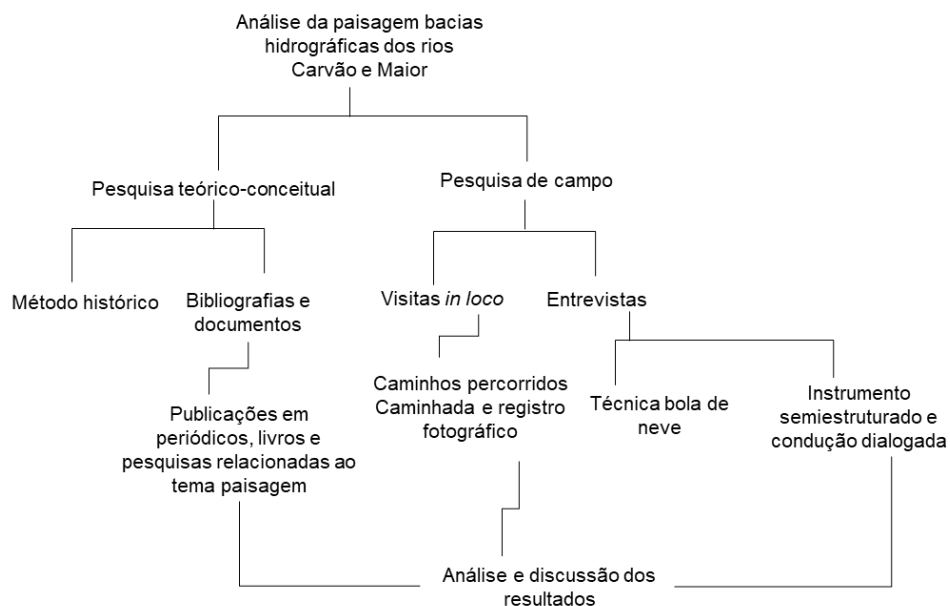
Fonte: autores, 2021.

Pela classificação de Köppen, o clima é Cfa mesotérmico caracterizado por ser úmido com verão quente (BACK, 2010). A vegetação original é inserida no bioma Mata Atlântica, classificado como Floresta Ombrófila Densa (IBGE, 2012). Observa-se que, com o passar do tempo, as atividades desenvolvidas, principalmente a agricultura e a mineração, impactaram nas características da vegetação que hoje é predominantemente secundária, com destaque para áreas de reflorestamentos com espécies exóticas.

METODOLOGIA

O desenvolvimento das atividades da pesquisa ocorreu em etapas, conforme síntese apresentada na Figura 3. Iniciou-se pelo arcabouço teórico-conceitual, depois a coleta de dados com entrevistas e estudo de campo e, por fim, a análise do conteúdo das entrevistas.

Figura 3 - Síntese do caminho metodológico



Fonte: autores, 2021.

O passo inicial foi a pesquisa teórico-conceitual embasado em Escaravaco (1984), Cosgrove (1998), Belolli (2002), Duncan (2004), Fazito, (2005), Santos (2012), Collot (2012), Besse (2014), pois no dizer de Claval (2014, p. 22), “a paisagem traz a marca da cultura e serve-lhe de matriz: objeto privilegiado dos trabalhos da geografia cultural”.

A pesquisa de campo foi fundamental para alcançar o objetivo principal desta pesquisa. Optou-se por dividir esta etapa em visitas *in loco* às principais comunidades cortadas pelos rios Carvão e Maior e, depois, as entrevistas narrativas junto aos moradores das comunidades banhadas pelo curso principal dos rios.

O estudo de campo compreendeu visitas às áreas e teve a finalidade de sentir, identificar e registrar as nuances da paisagem, por meio de fotografias e anotações num diário. Percorreram-se as estradas de cada bacia seguindo a mesma metodologia: iniciava-se da confluência dos rios Carvão e Maior, acompanhava-se o curso do rio principal até o ponto em que era possível seguir a estrada principal e visualizar o canal principal dos rios. Por essa óptica, buscou-se registrar os elementos naturais, estruturas e/ou edificações que representam marcas/memórias, os símbolos que hoje compõem as paisagens. Destaca-se que esse levantamento auxiliou também nas entrevistas com os moradores.

Nas entrevistas narrativas utilizou-se a metodologia da história oral, proposta por Meihy (2005) em Manual da História Oral, com apoio de Creswell (2007) e Duarte (2004), seguindo um roteiro de identificação e perguntas (Quadro 1).

Quadro 1 - Roteiro para condução da entrevista

Dados pessoais		
Nome:	Bairro:	Profissão:
Qual sua idade:	Quanto tempo reside nessa comunidade:	
Fale um pouco sobre sua vida como morador dessa comunidade:		
Perguntas		
Sabe o nome do rio que passa na sua comunidade?		
Qual é a sua opinião sobre as águas deste rio?		
Por que a água do rio está deste jeito? Sabe para que foi utilizada?		
E você utiliza ou já utilizou a água do rio?		
Atualmente a água deste rio tem alguma utilidade para você? Para quê?		
Com o passar do tempo você observou mudanças na paisagem da sua comunidade? Pode descrevê-las?		
Para você quais elementos da natureza chamam mais atenção na sua comunidade? Existe elemento que deva ser preservado? (após a resposta mostrar a imagem)		
E quais elementos construídos como casas ou até construções abandonadas chamam mais sua atenção ou que destacaria na sua comunidade? Existe construção que deva ser preservado? (após a resposta mostrar a imagem)		

Fonte: autores, 2021.

Para chegar aos entrevistados, fez-se valer do método bola-de-neve. Assim, primeiro foram identificados quem é ou foi líder comunitário, estes indicaram outros moradores que residiam há mais tempo e que possuíam forte envolvimento com a comunidade.

Nas seis comunidades (Quadro 2), a quantidade da amostra variou de um a quatro moradores, totalizando 14 pessoas. No entanto, é importante notar que geralmente mais membros da família acompanhavam e participavam das entrevistas e atividades, o que enriqueceu significativamente as informações coletadas.

Quadro 2 - Comunidades visitadas na entrevista

Comunidades	População residente	Amostra
Rio Carvão Alto	43	2
Rio Carvão	460	3
Rio Carvão Baixo	38	1
Total amostrado na bacia rio Carvão	541	6
Rio Maior	496	3
Linha rio Maior	495	4
São João do Rio Maior	5	1
Total amostrado bacia rio Maior	996	8
TOTAL	1537	14

Fonte: População residente, Secretaria da Saúde de Urussanga, 2021.

Uma observação importante é que a pesquisa de campo foi realizada durante a pandemia de Covid-19, nos meses de janeiro e fevereiro de 2021. Durante esse período, foi sempre questionado se as pessoas estavam dispostas a participar, apesar das circunstâncias. Antes da visita, era enfatizado o delicado momento e que o pesquisador seguia todos os protocolos sanitários da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e das autoridades sanitárias. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNESC e foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), parecer 3.939.135.

No momento das entrevistas, além das perguntas, fez-se uso de imagens registradas na saída de campo. O uso de imagens aproximou o entrevistado dos elementos identificados, como reforça Guran (2011, p. 104): “as entrevistas feitas com fotografias permitem, por exemplo, que aspectos apenas percebidos ou intuídos pelo pesquisador sejam vistos – e se transformem em dados – por intermédio dos comentários do informante sobre a imagem”. Pondera-se que o roteiro serviu apenas de orientação na condução do diálogo, pois muitas vezes os entrevistados falavam naturalmente sobre diversas questões pertinentes à pesquisa. As imagens auxiliaram nas conversas, mesmo que na maioria das vezes tal elemento fosse mencionado antes da visualização, porém foi por meio da fotografia que se ampliaram as discussões, trazendo mais memórias e informações.

Na análise e interpretação dos dados pautou-se em extrair os aspectos que expressam e representam os acontecimentos da memória coletiva dando voz às narrativas que convergiram e ecoaram, materializando-se no presente. Dessa forma, tomou-se o cuidado de não tratar somente os fatos sociais como coisas, mas como memória coletiva (POLLAK, 1989).

A partir desses procedimentos, o que será apresentado a seguir é uma integração dos caminhos metodológicos. Busca-se, assim, proporcionar diferentes perspectivas na tentativa de compreender as paisagens através do espectro da significação sociocultural e subjetiva, seguindo os caminhos percorridos e as entrevistas realizadas tendo o rio como elemento central, pois, como afirmou Bachelard (1998, p. 65), “é a água que vai arrastar toda a paisagem para seu próprio destino”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de entrelaçar os caminhos é preciso expor que a ocupação das comunidades nessas duas bacias, no que tange ao processo de colonização iniciado após a colonização de Urussanga em 1878, está calcada em uma mesma base histórica. Em síntese, a vinda de imigrantes italianos que saíram de seu país por problemas sociais e econômicos e a questões ligadas ao estado brasileiro que, no final do século XIX, queria ocupar áreas consideradas vazias, ter mão de obra livre e o desejo do embranquecimento da população (FAZITO, 2005).

Desde a colonização, houve um modelo distinto de ocupação e uso dos recursos naturais em comparação com os povos originários. Nesse contexto, ocorreu uma ruptura na paisagem com a sobreposição da cultura dos Laklânõ-Xokleng pela dos imigrantes italianos. Essa mudança teve impacto em todos os recursos naturais, resultando na derrubada da mata para a plantação de lavouras e no uso dos rios como fonte de energia, o que configurou uma nova paisagem por um período significativo.

Com o desenvolvimento das atividades econômicas, surgiu um novo elemento na vida e na paisagem: a mineração de carvão, que afetou diretamente e indiretamente todas as comunidades. Enquanto a bacia hidrográfica do rio Carvão teve parte de suas terras exploradas pela mineração de carvão, a bacia do rio Maior não sofreu esse impacto. No entanto, muitas pessoas migraram para trabalhar nessa nova atividade

econômica, abandonando ou reduzindo suas atividades agrícolas. Isso representou outra ruptura na paisagem, com mudanças na dinâmica sociocultural. Com o tempo, as atividades carboníferas passaram a dominar economicamente a região. Esse novo paradigma resultou em degradação ambiental nas paisagens, especialmente evidente na qualidade da água. A recuperação das áreas com passivos ambientais tornou-se preocupação significativa para os moradores das duas bacias hidrográficas (MENEZES E CAROLA, 2011; PEREIRA, 2011).

Portanto, as comunidades que estão inseridas nas bacias dos rios Carvão e Maior possuem fortes ligações entre si, assemelham-se nos seus aspectos geográficos, na origem de sua gente e no destino de seus rios que se unem para formar o rio Urussanga. Contudo, mesmo tendo andado juntas e muitas vezes, paralelamente pelos meandros da história, o resultado que atualmente se vê no solo, no ar e nas águas dos seus rios diferencia-se e se distancia compondo paisagens distintas.

Esses dois "lados" da ocupação e uso da terra têm reflexos e resultaram no que pode ser visto na atualidade nas paisagens e na água das bacias dos rios Carvão e Maior. No rio Maior (Figura 4 A), as marcas na paisagem não são tão impactantes, a água apresenta boa qualidade, sendo utilizada para abastecimento humano, já no rio Carvão (Figura 4 B), encontram-se grandes áreas degradadas com estruturas abandonadas pela atividade do carvão, água comprometida pela drenagem ácida de mina (DAM), pelo transporte de sedimentos e de resíduos do carvão, deixando suas marcas no leito do rio (BACK et al., 2019).

Figura 4 - Cachoeira no rio Maior, na comunidade de Rio Maior e pequena queda d'água no rio Carvão, na comunidade de Rio Carvão, Urussanga, SC



Fonte: autores, 2021.

Ao olhar essas duas paisagens e refletir o que elas representam pode-se recorrer a Santos (2006, p. 103), “a paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”. É nesse sentido que a diferença das paisagens vista nas águas, nos leitos e nas margens dos rios Carvão e Maior também representam “diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar, cada porção do espaço, essa acumulação é diferente” (SANTOS, 2012, p. 54). Nessa perspectiva, a paisagem apresenta suas marcas por meio da alteração contínua e histórica, resultado da acumulação das atividades de muitas gerações, sendo possível então acompanhar as transformações sociais e ambientais, tendo o rio como um fio condutor e testemunha do que se passou nesses lugares.

Entrelaçando caminhos do rio Carvão e rio Maior

Por mais que a paisagem não deixe de ser o que afirma Cosgrove (1998, p. 98), como “uma “maneira de ver”, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma “cena” uma unidade visual” ou o que fala Santos (2012, p.54), que “a paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento de uma

sociedade”, é necessário considerar que cada sujeito organiza e dá sentido ao que a visão apreende (COLLOT, 2012). Pela concepção destes autores, os moradores se encaixam na ideia do ponto de vista, pois o sujeito não está numa relação de exterioridade. A paisagem é vista de dentro, em uma “solidariedade entre paisagem percebida e sujeito perceptivo [...] o sujeito se confunde com seu horizonte e se define como ser-no-mundo” (COLLOT, 2012, p.12).

A seguir serão expostas as evidências relevantes para salvaguardar a memória e identidade dessas comunidades. Apresentar-se-á a paisagem com os elementos/símbolos/marcas da maneira que apareceram na pesquisa, mas antes se ratifica compreender a paisagem como um conjunto indissociável de todos os elementos materiais e imateriais.

No que tange à paisagem, quanto aos elementos naturais, nas duas bacias e em todas as comunidades, existe forte consenso de que é imprescindível a conservação dos recursos naturais ainda existentes. Foi fortemente evidenciado que as encostas, as áreas com vegetação nativa, as cachoeiras precisam ser preservadas. No entanto, a água com suas nascentes e o rio são a preocupação mais destacada por todos. Frases proferidas pelos entrevistados podem ser destacadas: É positivo que as pessoas não estejam desmatando, o que acaba contribuindo para a preservação da natureza (Casagrande, 2021). É importante preservar essas encostas; sempre defendi essa ideia (Muttini, 2021). A primeira prioridade é a água, que deve ser preservada, principalmente nas áreas onde se encontram as nascentes (Cittadin, 2021). Eu acredito que devemos preservar os mananciais de água, as nascentes e os poços (Ceron, 2021). É essencial preservar a água dos rios, mantendo a mata ciliar próxima aos cursos d’água (Pilon, 2021). A preservação da água é crucial, pois sem água não há vida (Bocardo, 2021). (Informações verbais dos entrevistados)¹.

Nas comunidades da bacia do rio Maior há a percepção de que a paisagem mudou bastante. Essa percepção foi apontada pelos entrevistados fazendo o recorte do período dos últimos 40 anos. Para os moradores, atualmente existem mais áreas vegetadas, principalmente nos morros. Segundo os entrevistados, antigamente a agricultura predominava e todo o terreno disponível era utilizado para plantar. Com o passar dos anos as atividades ligadas à terra foram diminuindo, sendo somente para o consumo próprio e também abandonadas. Estas áreas aos poucos começaram a se regenerar ou foram utilizadas para reflorestamento com espécies exóticas com fim comercial.

A mudança do perfil socioeconômico, percebida pelos moradores, foi acompanhada por fatores como a atração exercida no primeiro momento pela mineração de carvão, depois pela indústria, a dificuldade da vida no campo, o envelhecimento das pessoas que trabalhavam na terra e, mais recentemente, a saída dos mais jovens para trabalhar fora do país, especialmente nas sorveterias de italianos na Alemanha. Essa última condição que se inicia em Urussanga, ao final da década de 1990 e nos anos 2000, é facilitada a muitas pessoas nessas comunidades por possuírem cidadania brasileira e italiana.

As alterações sentidas pelos moradores demonstram como os elementos que compõem a paisagem vão mudando com o passar do tempo. Nesse sentido, a diminuição da área destinada para agricultura pode ser comprovada ao analisar o uso e a ocupação da terra. Sutil et al. (2019) realizaram um estudo abrangente dos aspectos físicos, socioeconômicos e socioambientais do território. Os resultados indicaram que, ao comparar imagens dos anos de 1957 e 2016, houve redução média de 80% nas áreas agrícolas. Para reforçar, de acordo com os autores, em 2017, apenas quatro propriedades dependiam da agricultura como forma única de subsistência, número muito inferior ao identificado no ano de 1995, quando 66 propriedades estavam nessa condição (SILVA, 1998). Embora exista o abandono da agricultura e o aumento de área vegetada seja um aspecto positivo, Sutil et al (2019) observam que dentre a vegetação secundária estão áreas de reflorestamento com espécies exóticas, principalmente dos gêneros *Acácia*, *Eucalyptus* e *Pinus*.

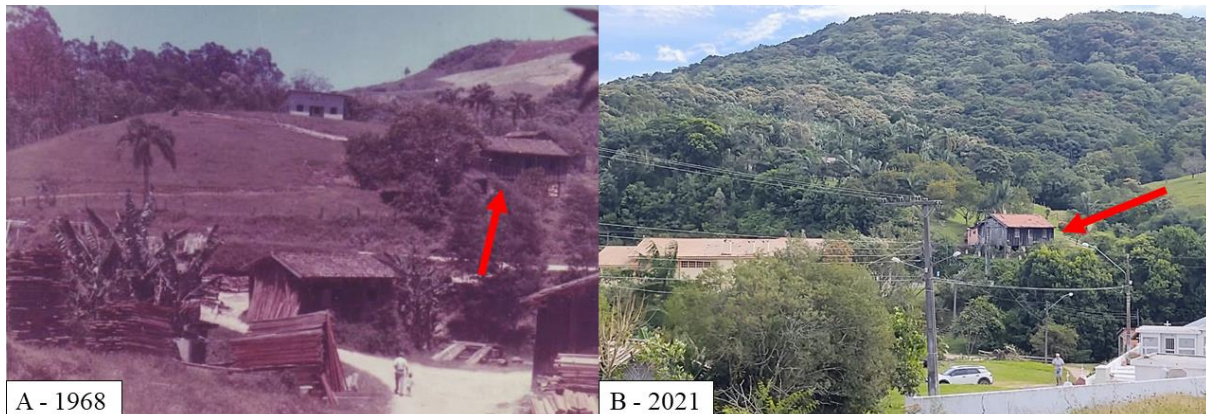
Essas informações também podem ser visualizadas na paisagem abaixo (conforme Figura 5), ao se comparar as imagens de 1968 (A) com de 2021 (B). Toma-se de referência na paisagem a casa de Maria Adelaide Frol Mazzucco e verifica-se que no ano 1968, ao fundo, a existência predominante de pastagens e as atividades estavam ligadas à agricultura. Já na imagem do ano de 2021 constata-se mais vegetação com árvores nativas, principalmente nas encostas. Segundo Mazzucco (2021), na imagem de 1968, aos fundos é o morro que pertencia à família Bocardo, local destinado ao cultivo massivo da cana-de-açúcar. (informação verbal)².

¹ Entrevistas concedidas respectivamente por Casagrande, S. Homem, 51 anos. Entrevista V. [fev.2021]; Mutini, C. G. C. Mulher, 68 anos. Entrevista VI. [fev.2021]; Cittadin, G. Homem, 76 anos. Entrevista VIII. [fev.2021]; Ceron, A. Homem, 72 anos. Entrevista IX. [fev.2021]; Pilon, V. Homem, 70 anos. Entrevista XII. [mar. 2021]; e Bocardo, A. L. Homem, 72 anos. Entrevista XIII; [marc. 2021]. Entrevistador: Gilberto Tonetto. Urussanga, 2021.

² Entrevista concedida por Mazzucco, C. M. Mulher, 65 anos. Entrevista XIV. [fev. 2021].

No tocante às águas do rio Maior, os entrevistados demonstraram grande preocupação, pois a maioria considera que a quantidade de água no leito do rio diminuiu quando comparada há anos. Foi feita referência à importância do projeto desenvolvido pela Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI), denominada de microbacias.

Figura 5 - Vista parcial da comunidade de Rio Maior, em 1968 e 2021



Fonte: MAZZUCCO, 1968 e autores, 2021.

Referente ao uso e consumo de água nas comunidades inseridas na bacia do rio Maior, o Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto (SAMAE) informou que a comunidade de Linha Rio Maior é abastecida pelo sistema de tratamento e distribuição de água da sede do município e da represa do rio Maior, localizada na comunidade. Já nas comunidades de rio Maior e São João do Rio Maior são abastecidos pelo sistema de tratamento e distribuição da estação de tratamento de água localizada no rio Maior. A captação é subterrânea com poço artesiano profundo, e o sistema abastece também as comunidades de Palmeira do Meio, Palmeira Alta, Rio Molha, Rio Molha Alto, Barro Preto, loteamento Scussel e loteamento Vila Romana (SAMAE, 2021). Por abastecer diversas comunidades e o consumo ser variado entre doméstico, público, comercial e industrial é com atenção especial que o SAMAE olha para esta estação de captação, tratamento e distribuição de água. Em campo foi constatado que mesmo os que utilizam a água do SAMAE possuem poços ou nascentes de água para a sua residência. Esse é um costume que vem desde o princípio da colonização onde as famílias tinham uma fonte própria de água.

Quanto às questões ambientais, percebeu-se em campo e foi apontado pelos entrevistados que todas as comunidades apresentam problemas. Confirmando os estudos de Ladwig et al (2017), em que se evidenciam o uso inadequado e a ocupação irregular da Área de Preservação Permanente (APP) do rio e das nascentes, e o de Sutil et al (2019), que apontaram diversos impactos ambientais, dentre eles consideram os que requerem mais atenção são os oriundos das atividades de mineração e da ocupação irregular nas APPs.

A condição em que se encontra a paisagem vai mostrar como as relações sociais marcam seu estado atual. Nesse sentido, Besse (2014) diz existir consenso como alguns autores compreendem a paisagem.

Há consenso hoje em dia em torno da ideia de que o estado de uma paisagem informa bastante sobre o estado da sociedade que contribuiu para produzi-la, o "estado" em questão comporta tanto elementos sociais e políticos quanto técnicos e culturais. [...] a paisagem é um grande documento humano colocado numa base que a ignora, e é preciso aprender a ler este arquivo (BESSE, (2014, p. 97).

Os aspectos gerais quanto à preservação dos elementos naturais são os mesmos nas comunidades inseridas na bacia do rio Carvão, o que distingue é a intensidade na percepção destes elementos.

Na comunidade inserida no perímetro urbano, bairro Nova Itália, os entrevistados apontaram a área verde do bairro, denominada de Caça e Pesca, como importante espaço para conservação, com potencial uso para atividades de educação ambiental e lazer. A área conta com árvores nativas de grande porte e espécies características da Mata Atlântica; ressaltam a importância da preservação do rio Maior e lembram ainda que há 20 e 30 anos era comum as pessoas se banharem no rio Maior; apontam o grande problema do esgoto das residências que, apesar de ser canalizado, é todo despejado no rio Carvão sem nenhum tratamento.

Nas comunidades de Rio Carvão Baixo, Rio Carvão e Rio Carvão Alto a preocupação dos entrevistados quanto à preservação da natureza se sobressai em relação às outras comunidades. As citações mais frequentes foram relacionadas à preservação das encostas com vegetação e das nascentes remanescentes. Uma preocupação atual envolve a atividade da empresa de coque, a única ainda em operação na comunidade, que emite gases na atmosfera, prejudicando os moradores com fuligem que atinge casas, hortas e plantas em geral. Além disso, há apreensão quanto à possível instalação de mais uma mina de carvão. Diante disso, os moradores expressam uma mistura de incompreensão e tristeza, juntamente com a cobrança e o desejo de recuperação das áreas degradadas que ainda não foram restauradas (Figura 6).

Reforça-se que a bacia do rio Carvão testemunhou todas as fases da economia e tipos de atividades desenvolvidas pela extração do carvão, ocorridos em Santa Catarina. Para Escaravaco (1984), a Companhia Carbonífera de Urussanga (CCU) foi a primeira a atuar em escala industrial no estado. Em 1917, dentre as áreas adquiridas e por concessão, estavam terras na comunidade de Rio Carvão. A atividade que ocorreu a céu aberto e em minas subterrâneas deixou o passivo ambiental sentido pelas pessoas das comunidades.

Figura 6 - Vista parcial da área degradada pela extração de carvão na comunidade de Rio Carvão, Urussanga, SC



Fonte: autores, 2021.

De acordo a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), do Serviço Geológico do Brasil, os impactos ambientais estão relacionados à intensa alteração topográfica com disposição de pilhas de rejeitos e estéreis, resultantes da utilização de draglines em lavras de superfície; intensa geração de drenagem ácida de mina (DAM), causada pela oxidação de sulfetos presentes nas camadas adjacentes ao carvão; e alteração do balanço hídrico de aquíferos, causada pela interconectividade de águas superficiais com águas subterrâneas, resultante da presença de bocas de mina abandonadas e pelo abatimento de minas subterrâneas. (CPRM, 2020).

Referente à água, a maior preocupação dos entrevistados, embora o comprometimento ocasionado pela extração de carvão mineral tenha diminuído muito, é com a vazão do rio e as nascentes. Destaca-se a frase de Casagrande (2021) “olhando pro rio dá vontade de chorar. É um sonho das pessoas da comunidade ver esse rio um dia despoluído. É, olhando para o rio você fica triste, um rio que está morto. Bom seria se a gente visse um dia limpo”.

Referente ao acesso, todos os moradores conseguem ter água em suas residências, vinda de nascentes próprias ou do SAMAE. Dos entrevistados, alguns possuem água encanada pelo SAMAE, mas o costume de utilizar a água vinda de sistemas próprios ainda continua. Segundo Ceron (2021), ele não possui água

do SAMAE e que antigamente pegava água do rio e depois do poço, mas com a mineração de carvão a água não prestou mais. Hoje a água de sua casa vem de, mais ou menos, 3 a 4 km de distância. Antigamente as companhias carboníferas faziam a manutenção e eram obrigadas a fornecer água aos moradores, mas hoje é tudo por conta dos moradores.

De acordo com o SAMAE, o uso da água na bacia hidrográfica do rio Carvão é praticamente todo doméstico. O abastecimento de água nas comunidades de Rios Carvão e Carvão Baixo é realizado pelo sistema de tratamento e distribuição de água da ETA, localizada no rio Carvão, sendo captada em um dos afluentes do rio Carvão (SAMAE, 2021). Já a comunidade de Rio Carvão Alto não possui abastecimento pelo SAMAE e a comunidade usa água de poços ou nascentes.

É importante ressaltar que o recorte espacial adotado é crucial, pois ao delimitar a área de estudo pela bacia hidrográfica como unidade de gestão e planejamento territorial, conforme destacado por Schussel e Neto (2015), Machado (2013) e Saraiva (1999), demonstra-se que todas as características, físicas e socioeconômicas, de uma região refletem na qualidade da água dos rios e, de forma direta ou indireta, influenciam na paisagem. Além disso, fica evidente que é essencial considerar as pessoas para compreender com mais precisão a área e, assim, realizar as ações ou projetos necessários.

Quanto à paisagem e aos elementos que constituem a bacia hidrográfica do rio Carvão, no que tange aos aspectos socioculturais e históricos estabelecidos a partir da colonização até os dias de hoje, as características e os elementos destacados demonstram como o uso e a ocupação da área se fazem presentes, tanto materialmente quanto imaterialmente. Desde tradições vinculadas ao sagrado, atividades ligadas à terra, atividades econômicas como a mineração ou a casas, igrejas e outras construções dentre tantas marcas que ainda estão impregnadas na paisagem e na memória das pessoas. Expressões que estão nas paisagens e que para os moradores devem ser valorizadas e preservadas, mesmo as mais tristes.

Dessa maneira, foram identificados símbolos como a religiosidade em torno do catolicismo, fortemente ligado à cultura dos primeiros imigrantes italianos que se expressa materialmente nas capelas ou imaterialmente na fé e nas histórias passadas de geração em geração. Este elemento foi muito evidenciado pelos entrevistados. Os exemplos mais representativos são a “Missa da Peste” hoje “Missa da Promessa” na comunidade de Rio Carvão, cultuado em todos os anos desde 1880 marca historicamente a comunidade que se uniu em torno da fé para enfrentar uma grave enfermidade que se abateu sobre a comunidade, especialmente em crianças; na comunidade de Linha Rio Maior, que remonta também ao final do século XIX ao se reunirem em torno de um quadro de Nossa Senhora dos Campos trazido da Itália; e na comunidade de Rio Maior por celebrar São Gervásio, o mesmo santo que os imigrantes cultuavam na Itália e que teve, na união de seus moradores e na fé, a força para eles próprios construírem a capela de modo mais próximo ao local de origem, obra terminada em 1912 (MAESTRELLI, 2009).

Portanto, nessas comunidades a fé é celebrada e vivida desde os primeiros colonizadores até os dias de hoje. Une o passado ao presente e indica ser um símbolo forte, uma herança coletiva que se expressa na paisagem como espaço de convívio social. Para Cosgrove (1998), essa simbologia está ligada à cultura, mas nem sempre está visível na paisagem, é preciso decodificá-las por meio de evidências. Essas evidências ou códigos culturais se manifestam, como colocado por Caetano e Bezzi (2011, p. 461), “como um sistema de símbolos [...] que permitem a transmissão das características culturais de determinado grupo através das gerações”. A igreja é o símbolo ou código material, a fé e sua religiosidade de celebrar e cultuar seria o imaterial. Nesse sentido,

As pessoas estão ligadas por um passado comum e por uma mesma língua, por costumes, crenças e saberes comuns, coletivamente partilhados. A cultura e a memória são elementos que fazem com que as pessoas se identifiquem umas com as outras, ou seja, reconheçam que têm e partilham vários traços em comum (IPHAN, 2012, p. 7-8).

A igreja do rio Maior é a única original e tombada como patrimônio histórico reconhecido pelo IPHAN e FCC, sendo que somente a capela está salvaguardada por lei, o culto religioso, não. As capelas do rio Carvão e da Linha Rio Maior não levam o título de patrimônio, mas será que elas não seriam detentoras da manifestação do que se vive e celebra há mais de um século? A Constituição Federal de 1988, as normativas da FCC e do IPHAN contemplam que o patrimônio cultural abrange os bens culturais de natureza material e imaterial, podendo ser inscritos para salvaguardá-los nos Livros de Registros e na Declaração como Lugares de Memória.

Por mais que as capelas citadas possam não representar uma edificação com valor patrimonial material, o contexto da memória evoca a simbologia de acontecimentos que identificam e unem a comunidade no presente, tanto que aparece na fala dos entrevistados que ao menos as igrejas devem ser preservadas e/ou restauradas para se tornarem patrimônio.

Quanto às outras construções que se apresentam como um pedaço resistente da história das comunidades e das pessoas, tanto a percepção dos moradores entrevistados, as pesquisas bibliográficas e quanto às saídas de campo, demonstraram que algumas edificações estão ou podem ser preservadas, outras já estão em ruínas, totalmente abandonadas, mas, mesmo assim, são portadoras de significados e guardam as marcas e memórias do passado.

Na bacia do rio Maior, especificamente a comunidade de Rio Maior, estão edificações tombadas como patrimônio histórico de forte referência, mencionada diversas vezes, inclusive também pelos moradores da bacia do rio Carvão. Ao mesmo tempo que muitos lamentam o abandono de algumas construções, como as rodas d'água e em especial a ferraria e marcenaria que existia próximo à capela do rio Maior. Esta construção, que apesar de ruínas ainda se faz presente na paisagem da comunidade, é referência histórica viva na fala dos entrevistados.

A comunidade de Rio Maior é referência em bens tombados na área rural de Urussanga, o município possui 24 bens tombados pelo FCC, sendo que 18 estão no perímetro urbano. Dos 24 bens tombados, três bens são também tombados pelo IPHAN e destes dois estão na comunidade. Ainda, a comunidade e suas construções integram o Projeto Roteiros Nacionais de Imigração em de Santa Catarina do IPHAN que, em linhas gerais, objetiva reconhecer e proteger o patrimônio cultural dos imigrantes no conjunto do patrimônio cultural brasileiro. As propriedades consideradas como patrimônio são o sobrado da família Bocardo, o sobrado da família Mazzucco, a Igreja de São Gervásio e São Protásio, a Casa de Ivanir Cancellier e a Casa de Pedra Cancellier (Figura 7), construções tombadas em nível estadual. (SANTA CATARINA, 1998). Dessas, a Igreja São Gervásio e São Protásio e a Casa Ivanir Cancellier são tombadas em nível federal pelo IPHAN. (IPHAN, 2007, 2017).

Nas comunidades da bacia do rio Carvão não existem construções tombadas em nenhuma esfera. Quanto à preservação e identificação de bens que podem se tornar um patrimônio, a observação feita pelos entrevistados é de que as mais bonitas foram destruídas pelos impactos das atividades ligadas ao carvão e as poucas que restaram foram vendidas, abandonadas, substituídas ou descaracterizadas por reformas em razão da ação do tempo, mas consideram ser importante a preservação.

Apontado por todos, o casarão da família Cechinel (Figura 7, 1.2), datado de 1911, é a que mais foi citada. Apareceu também nas citações uma antiga casa da família Lucietti (Figura 7, 1.4), construída em 1930, de madeira com dois pavimentos, desmontada de um local e montada em outro na própria comunidade de Rio Carvão, hoje pertencente a Sérgio Maestrelli. Outra casa de significativo valor histórico e que está preservada é a casa da própria família Maestrelli, toda de madeira, datada de 1927.

Em consulta bibliográfica, verificou-se nos trabalhos de Luca (2007) e do IPHAN (2011) que existem outras indicações de construções. Nos trabalhos de Luca (2007) aparecem imagens de construções e paisagens que são consideradas portadoras de valor patrimonial e de identidade de sítios históricos da imigração italiana em Santa Catarina na área das duas bacias. A publicação do IPHAN (2011) aponta em um mapa as edificações para tombamento em níveis municipal, estadual e federal. Na bacia do rio Maior estão as já tombadas e na bacia do rio Carvão aparecem indicações de edificações que poderiam ser tombadas em nível municipal. Dentre as construções da proposta de tombamento do IPHAN (2011) estão algumas indicadas neste trabalho.

Em relação às construções abandonadas identificam-se, nas duas bacias, símbolos que apesar do estado de deterioração e abandono são portadoras de memória, guardam as marcas do passado ainda presentes nas paisagens. Como colocam Berque (1998) e Duncan (2004), essas marcas deixadas na paisagem são registros materiais ou imateriais, podem ser interpretados de diferentes formas, pois “canalizam, em um certo momento, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza”. (BERQUE, 1998, p.85), mas, como alerta Duncan (2004), não podem ser tiradas de contexto.

Nesse sentido, nos exemplos de símbolos abandonados estão as estruturas abandonadas das atividades do carvão como o cabo aéreo que transportava carvão que de tão representativa para Urussanga aparecia no cartão postal do município; e a área onde está a mina Santana onde ocorreu uma tragédia com dezenas de vítimas e os passivos ambientais deixados pelas atividades de mineração do carvão. Já na bacia do rio Maior, a estrutura da antiga ferraria e marcenaria, próximo à capela; o local onde foi a feccularia da família Mazzucco, movida por roda d'água, a chaminé da família Bocardo e algumas edificações, embora descaracterizadas e/ou em ruínas merecem mais atenção e cuidado por serem referenciais da paisagem.

Em ambas as bacias existem elementos que compõem as paisagens que passam despercebidos, como as construções de madeira. É bem verdade que a maioria já foi destruída e outras bem alteradas, mas segundo apontamento do IPHAN (2011), a pesquisa de Luca (2007), nas nossas visitas *in loco* e na fala de alguns entrevistados, essa questão poderia ser mais bem analisada em um estudo mais aprofundado referente ao valor patrimonial destas construções.

Esses símbolos que resistem ao tempo não possuem mais a mesma utilidade, representam o abandono das atividades de outrora, mas continuam a compor a paisagem. E mesmo as atividades que geraram danos e rupturas sociais que se manifestam muito negativamente na paisagem constituem a história e a identidade dessas comunidades e, por isso, não devem desaparecer por completo. É certo que existem memórias que já não são possíveis de se materializar, contudo existem maneiras de salvaguardar seus resquícios.

Sobre todas as construções, as que estão em bom estado de conservação ou as abandonadas, é importante salientar que elas compõem a paisagem dessas comunidades e as caracteriza, seja pelo seu aspecto visual ou por evocarem memórias dos bens imateriais. E, se não podem ser tombadas para serem salvaguardadas em nível nacional, elas podem ser tombadas nas esferas estadual ou municipal, como corroboram a portaria n. 375 de 2009 do IPHAN e a Política de Patrimônio Cultural Material que trazem como instrumentos de patrimonialização a Chancela da Paisagem, a Declaração aos Lugares de Memória e ainda pode-se apoiar no Programa Nacional do Patrimônio Imaterial que instrui como salvaguardar o patrimônio imaterial. Enfim, isso quer dizer que existem instrumentos a serem utilizados pelo poder público para torná-las patrimônios tombados e protegidos. Apoiado nas informações coletadas aponta-se o caminho percorrido e uma síntese de algumas referências que compõem a paisagem (Figura 7).

Figura 7 - Síntese de algumas referências da paisagem



Legenda das referências na paisagem

Bacia RIO CARVÃO - BHRC		Bacia RIO MAIOR -BHRM	
1.1	Base da estrutura do cabo aéreo	2.1	Museu e restaurante da família Baesso
1.2	Casarão da família Cechinel, de 1911	2.2	Igreja Nossa Senhora dos Campos
1.3	Vista parcial da comunidade de Rio Carvão Baixo	2.3	Cachoeira na pousada Vale dos Figs
1.4	Casa da família Maestrelli, de 1927	2.4	Sobrado da família Bocardo
1.5	Capela Nossa Senhora da Saúde	2.5	Igreja São Gervásio e São Protásio
1.6	Afloramento da unidade estratigráfica Formação Rio Bonito	2.6	Casa de Ivanir Cancellier
1.7	Coqueria abandonada	2.7	Casa de Pedra Cancellier
1.8	Nascente do rio Carvão	2.8	Sobrado da família Mazzucco

Fonte: autores, 2021.

Ao dialogar com os moradores, percebeu-se a vontade de salvaguardar a memória e evocar os símbolos que possibilitem dar significado para o que se passou nessas comunidades, por esta perspectiva preservar e valorizar a paisagem é lhe conferir “a marca do trabalho sobre o território, um memorial ao trabalhador desconhecido”. (SOUZA; SABATÉ BEL, 2017, p. 252). Para esses autores, assim como para Carsalade (2010), Ribeiro (2019) e a visão do IPHAN, a ideia de considerar apenas monumentos ou elementos dispersos no território como patrimônio está ultrapassada. Atualmente, defende-se uma visão mais abrangente e integrada dos valores patrimoniais, “mudamos a ênfase de sua proteção, para seu respectivo valor. Vinculamos os recursos naturais e culturais ao território, passando da proteção à sua valorização.” (SOUZA; SABATÉ BEL, 2017, p. 252).

Ainda, manifesta-se que no final da escrita desta pesquisa descobriu-se, por intermédio do pesquisador Cristian Neilor Ceron, uma informação geológica que merece ser registrada. O pesquisador relatou a este autor que encontrou achados paleontológicos na bacia hidrográfica do rio Carvão e adjacências. Na bacia do rio Carvão dois locais apresentam geossítios da unidade estratigráfica Formação Rio Bonito. Esse aparecimento foi ocasionado pela atividade de extração do carvão que fez aparecer camadas geológicas que não poderiam ser vistas se não tivessem sido escavadas pela mineração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os caminhos percorridos para atender o objetivo de analisar as paisagens das bacias hidrográficas dos rios Carvão e Maior numa perspectiva histórica e cultural, conclui-se que principalmente as entrevistas narrativas foram o ponto de imersão mais forte. As conversas com os moradores trouxeram não somente a memória individual, vieram carregadas de sentidos e sentimentos, dando potência e força para o entendimento das questões históricas e socioculturais que fazem parte da vida individual e coletiva das comunidades, sendo a identidade destes lugares. Como afirma Meihy (2005), a valorização das histórias dos sujeitos ao mesmo tempo perpassa e constitui a história coletiva, assim concebe-se “uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado”, (MEIHY, 2005, p. 19). Portanto, reforça-se, em primeiro lugar, que quaisquer intervenções/projetos de planejamento e gestão devem incluir os moradores locais e os marcos históricos e socioculturais considerados por eles.

Os resultados obtidos com as entrevistas serviram para dar nexos e vida a todas as informações antes coletadas. Primeiro, serviu para repensar e contrapor algumas ideias e reforçar outras do que se havia pesquisado. Mostrou que o referencial teórico-conceitual e a pesquisa bibliográfica são fundamentais para compreender o que se passou na paisagem da área de estudo. As entrevistas também auxiliaram para validar os registros realizados no caminho percorrido e trouxeram novos elementos da paisagem que não haviam sido destacados com a visita *in loco* e reforçaram que existem símbolos materiais e imateriais que são portadores de memória dessas comunidades. As falas dos moradores balizaram todo o roteiro do presente trabalho, do referencial teórico-conceitual aos resultados, que só fazem sentido à luz da participação dos moradores.

Acredita-se que as informações coletadas indicam potenciais elementos/símbolos/marcas que caracterizam e compõem as paisagens devem ser preservados e inventariados para tombamento, individualmente ou em conjunto como preconiza o IPHAN, enquadrado em Chancela da Paisagem.

Pelo entrelaçamento dos caminhos percorridos, entende-se que é necessário reunir esforços em estudos e medidas para salvaguardar a memória e a identidade do patrimônio local. Acredita-se que o trabalho oferece fortes subsídios para que se fomentem projetos/ações com o propósito de deixar viva a memória e a identidade local, por meio da patrimonialização da paisagem associado à recuperação ambiental. Esse entendimento é justificado porque as paisagens das comunidades inseridas nas bacias dos rios Carvão e Maior são portadoras de memória que as configuram como uma paisagem cultural. Pois, de acordo com o IPHAN (2009), esta abordagem considera os valores materiais e imateriais numa visão de conjunto como uma identidade conferida que não pode ser atribuída isoladamente. Então, preservá-las é manter a conexão entre presente, passado e futuro.

REFERÊNCIAS

ADAMI, R.M.; CUNHA, Y.M. **Caderno do educador ambiental das bacias dos rios Araranguá e Urussanga**. Blumenau: Fundação Agências da Água do Vale do Itajaí, 2014. 137 p.

BACHELARD, G. **A Água e os Sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

- BACK, Á.J. Caracterização Climática In: MILIOLI, G.; SANTOS, R. dos; CITADINI-ZANETTE, V. (Orgs.). **Mineração de carvão meio ambiente e desenvolvimento sustentável no sul de Santa Catarina**. Curitiba: Juruá, 2010. p. 17-33.
- BACK, Á.J.; LADWIG, N.I.; SCHWALM, H.; MATOS, H.; PEREIRA, J.R. Características Morfométricas da Bacia Hidrográfica Relacionadas à Erosão Hídrica. In: POLETO, Cristiano (org.). **Hidrossedimentologia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2019. Cap. 1. p. 1-31.
- BELLOLI, M.; QUADROS, J.; GUIDI, A. **História do Carvão de Santa Catarina: 1790-1950**. Criciúma, SC: IOESC, 2002. v.1.
- BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia In: CORRÊA, R.L. ROSENDAHL, Zeny. (org). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 92-124.
- BESSE, J. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 2014.
- BRASIL. **Lei nº 9433/96 de 8 de janeiro de 1997**. Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos. Brasília, D.F. 1997.
- CAETANO, J.N.; BEZZI, M.L. Reflexões na geografia cultural: a materialidade e a imaterialidade da cultura. **Soc. nat.**, v. 23, n. 3, p.453-456, 2011. <https://doi.org/10.1590/S1982-45132011000300007>
- CAROLA, C.R. Modernização, cultura e ideologia de carvão em Santa Catarina. In: GOULARTI FILHO, Alcides. (Org). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004. p. 11-34.
- CARSALADE, F.L. Mineração e patrimônio cultural: uma análise comparada entre a experiência brasileira e a internacional. In: ANAIS DO 10 COLÓQUIO IBERO-AMERICANO: PAISAGEM CULTURAL, PATRIMONIO, PROJETO, 2010, Belo Horizonte. **Anais do 10 colóquio Ibero-americano: paisagem cultural, patrimônio, projeto**. Belo Horizonte: leds, 2017. v. 1, p. 173-192.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução: Luís Fugazzola Pimenta, Margareth de Castro Afeche Pimenta. – 4. ed. rev. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.
- COLLOT, M. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. In: NEGREIROS, C.; ALVES, I.; LEMOS, M. (org.). **Literatura e Paisagem em Diálogo**. Rio de Janeiro: Makunaima, 2012. p. 11-29.
- COSGROVE, D. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. (org). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 92-124.
- CRESWELL, J.W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução Luciana de Oliveira da Rocha – 2ed – Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DEWS, J.O. **Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos**. Monografia. Graduação Bacharel em Estatística. Departamento de Estatística. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013. 51 p.
- DUNCAN, J. **A paisagem como sistema de criação de signos**. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (org). **Paisagens, textos e identidades**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 2004. p. 91-132.
- FAZITO, D. **Reflexões sobre os sistemas de migração internacional**: proposta para uma análise estrutural dos mecanismos intermediários, 2005. 204p. Tese (Doutorado em Demografia) — Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerias, Belo Horizonte.
- GURAN, M. Considerações sobre a constituição e utilização do corpus fotográfico na pesquisa antropológica. **Discursos fotográficos**, v.7, n.10, p.77-106, 2011.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades - Santa Catarina. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/urussanga/historico>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Manual técnico da vegetação brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. (Série Manuais Técnicos em Geociências).
- IPHAN. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais**. 3. ed. Texto e revisão de Natália Guerra Brayner. Brasília, DF: IPHAN, 2012.
- IPHAN. **Reflexões sobre a Chancela da Paisagem Cultural Brasileira**. Brasília: Iphan, 2011.

- IPHAN. **Roteiro Nacional de Imigração: Dossiê de tombamento**. Brasília: Iphan, 2007.
- MACHADO, C.J.S. Recursos hídricos e cidadania no Brasil: limites, alternativas e desafios. **Ambientguveie & Sociedade**, v. 6, n. 2, p. 121-136, 2003. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2003000300008>
- MAESTRELLI, S.R. **Missa da Peste – Os imigrantes viveram dias de aflição**. Urussanga, 15 mai. 2009. Disponível em: <http://panorama.sc/missa-da-peste-os-imigrantes-viveram-dias-de-aflicao/>. Acesso em: 11 nov. 2020.
- MENEZES, C.T.B.; CAROLA, C.R. A política de modernização, a legislação ignorada e a degradação socioambiental da indústria carbonífera (1930-1970). In: CAROLA, C.R. (org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina: impactos sociais e ambientais**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011. Cap. 3. p. 196-218.
- PEREIRA, A. C. M. et al. **Um vapor para Benedita: viagem das terras venetas ao sul catarinense** relatada por aqueles que mais conhecem essa história: a gente de Urussanga. Tubarão: Editora Unisul, 2011. 106 p.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RIBEIRO, R.W. **Paisagem**. In book: Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro: IPHAN, 2019.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. 2 reimp. São Paulo: Edusp, 2006, 384p.
- SANTOS, M. **Pensando o Espaço do Homem**. - 5 ed., 3.reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 96 p.
- SARAIVA, M.G.A.N. **O rio como paisagem: gestão de corredores fluviais no quadro do ordenamento do território**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 1999.
- SCHUSSEL, Z.; NASCIMENTO, P. GESTÃO POR BACIAS HIDROGRÁFICAS: DO DEBATE TEÓRICO À GESTÃO MUNICIPAL. **Ambiente & Sociedade**, v. 18, n. 3, p. 137-152, 2015. <https://doi.org/10.1590/1809-4422ASOC838V1832015>
- SORATO, A. **Elaboração do mapa de divisão político-administrativa do município de Urussanga/SC**. 2019. 69 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Curso de Engenharia de Agrimensura, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2019.
- SUTIL, T. **Diagnóstico Socioambiental da Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Maior, Urussanga, SC**. 2018. 164p. Dissertação (mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma, 2018.
- SUTIL, T; LADWIG, N.I.; BACK, Á.J.; CONTO, D. Diagnóstico físico, socioeconômico e socioambiental do território da área de proteção ambiental (APA) do Rio Maior – Santa Catarina – Brasil. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 12, n. 4, p. 1583-1599, 2019. <https://doi.org/10.26848/rbgf.v12.4.p1583-1599>.
- URUSSANGA. Constituição (1998). **Lei nº 1.665, de 27 de novembro de 1998**. Cria área de Proteção Ambiental do Rio Maior e dá Outras Providências. 1. Ed. URUSSANGA, Prefeitura Municipal. Secretaria de Saúde. 2020.
- WORSTER, D. Pensando como um rio. In: ARRUDA, G. (org.) **A natureza dos rios: história, memória e territórios**. Curitiba: Editora UFPR, 2008. p. 27-46.

Recebido em: 06/10/2023

Aceito para publicação em: 18/04/2024